

Biribuva

Era meia noite, com chuva e um vento frio. O gatinho estava na rua com um ar tão desamparado que o meu amigo se impressionou. Verdade que meu amigo estava um pouco bêbado, e é meio poeta; porisso talvez, trouxe o gatinho para casa. Pela manhã o vimos: êle examinava lentamente a sala e, desconfiado, quis ficar debaixo do sofá. Mas já pela tarde escolhera um canto, onde se espichou.

Reunimo-nos para batizá-lo, e como êle é todo preto e foi achado à meia noite, resolvemos que seria Meia-Noite.

No segundo dia, porém, uma alemã que ama e entende gatos fez a revelação; Meia-Noite era uma gatinha. Deve ter dois meses e meio, disse mais.

Ora, isso é o mesmo que ser menina apenas com leves tendências a senhorita; e a uma senhorita de família não fica bem esse nome de Meia-Noite. Esse nome haveria de lhe lembrar sempre sua origem miserável e triste: e o grande gato ruivo do vizinho, gordo e católico a tal ponto que embora se chame Janota nós todos sentimos que êle é o próprio G.K. Chesterton, poderia tratá-la com irônico desprezo.

Da nossa perplexidade aproveitou-se o menino, que queria dar ao bicho o nome de Biriba. Declinou que se tratava, sem dúvida nenhuma, da viúva do Biriba. Então chegamos a um acôrdo, e a bichinha ficou se chamando Biribuva.

Devo confessar que não sou um "gentleman"; venho de famílias portuguesas, não digo pobres, mas de condição modesta, gente honrada e trabalhadora que, pelejando através dos séculos no cabo da enxada ou atrás do balcão, nunca teve tempo para se fazer "gentlemen" ou "ladies". Isso ficou privilégio do ramo espúrio ainda que muito distinto dos Braga, os chamados Bragança. E hoje, vejam bem, os Braga são uns pobres enfeitadas, e os Bragança altos senhores. Melancolias da História; mas de qualquer modo devo confessar que os costumes de minha casa são um tanto rudes, e às vezes mesmo acontece que o garçon de luvas brancas não nos serve o chá das cinco com a devida pontualidade, o que nos produz um grande abatimento moral. Enfim, nos conformamos — mesmo porque não temos luvas, nem garçon, nem chá.

Biribuva talvez tenha compreendido a situação, e faz questão de mostrar pelo seu delicado exemplo as regras da distinção e da aristocracia. Sai tôdas as noites, dorme o dia inteiro, não trabalha, e vive a se espreguiçar e a se lamber.

A gatinha escolheu minuciosamente o canto mais confortável de nosso velho sofá, e ali se aninha com tanta graça e tranqüillidade como se êste fôsse o seu direito natural. Se bato à máquina com mais força ou falamos demasiado alto, a jovem condessinha de Biribuva ergue com lentidão a cabeça e nos fita, graciosamente aborrecida, com seus olhos verdes que têm no centro um breve risco vertical azul. Assim ela nos faz entender que as pessoas finas jamais falam tão alto (apenas murmuram coisas e, às vezes, suspiram) e não escrevem jamais à máquina nem mesmo à caneta, pois isso é um baixo trabalho manual.

Pela manhã assisti a seu banho de sol. Meu escritório tem duas janelas, uma dando para leste e outra para o norte; de maneira que pela manhã o sol entra por uma e depois por outra, e há uma hora intermediária em que entra pelas duas. Assim eu havia entrecerrado ambas as janelas e ficou ape-

nas no assoalho uma faixa de luz. Ali se esticou Biribuva, tão negra e luzente. Depois de fazer algumas flexões da mais fina graça, começou, com a língua muito rubra, a proceder a uma cuidadosa toilette; e afinal ficou esticada, a se aquecer. Depois de uns dez minutos retirou-se para seu canto de sombra; tive a impressão, quando esticou a patinha negra, de que consultava um invisível relóginho de pulso, naturalmente de ouro, cravejado de brilhantes.

Às vezes a condessinha dá a entender que se dignaria a brincar um pouco; e então agitamos em sua frente um barbante ou lhe damos uma bola de ping-pong. Ela dá saltos e voltas com uma graça infinita, vibrando no ar a patinha rápida; tem bigodes do tamanho dos de um bagre velho; e suas orelhas negras são translúcidas como o tecido dessas meias "fumées".

Um dia ela crescerá, e então...

Devo dizer que o grande gato ruivo da vizinha, que nos visitava tôda tarde, cortou suas visitas.

Apareceu um dia na janela do quintal. Biribuva estava em seu canto do sofá. Voltou-se e viu o bichano quatro vezes maior do que ela. Assumiu instantaneamente uma atitude de defesa, tôda arrepiada e com os olhos fixos no gatão. Suas garras apareceram e ela soltou um miau! que era mais um gemido estranho e prolongado.

Isso certamente aborreceu o velho Janota, que lhe lançou um olhar do maior desprezo e se retirou. A condessinha de Biribuva ficou ainda alguns minutos arrepiada e nervosa. Tentei fazer-lhe uma festinha e ela continuou a olhar fixamente para aquêle lado. Afinal sossegou, e como uma das gavetas de minha mesa estivesse entreaberta ela se aninhou lá dentro — pois, modéstia à parte, Biribuva é uma grande apreciadora de minhas crônicas, ou pelo menos as acha muito repousantes.

Mas o incidente nos alarmou. Dentro de alguns meses Biribuva será uma senhorita. Não tenho filhas môças e sou mau conhecedor da alma feminina. É verdade que confio muito em Biribuva, mas resido em um bairro perigoso. Na minha vizinhança há dois generais e um tabelião, e todos têm gatos. Gatos de general e gatos de tabelião são bichos manhosos, e experientes, como tôda gente sabe. Se Biribuva fraquejar, teremos em um ano, três gerações de gatinhos. Que fazer com êles?

Olho a graciosa Biribuva, ainda tão inocente e jovem, e estremeço em pensar essas coisas. Afogaremos seus filhinhos ou os abandonaremos na rua? Criar todos não será possível; minha casa é pequena e jornalista ganha muito pouco.

Biribuva, inteiramente despreocupada, corre para cá e para lá atrás da bola de ping-pong, por debaixo dos móveis. Levá-la para uma rua distante e abandoná-la? Seria preciso ter coração muito duro para fazer uma coisa dessas. Depois a verdade é que esta casa sem Biribuva ficaria tão sem graça, tão vulgar e tão vazia que não ousamos pensar nisso.

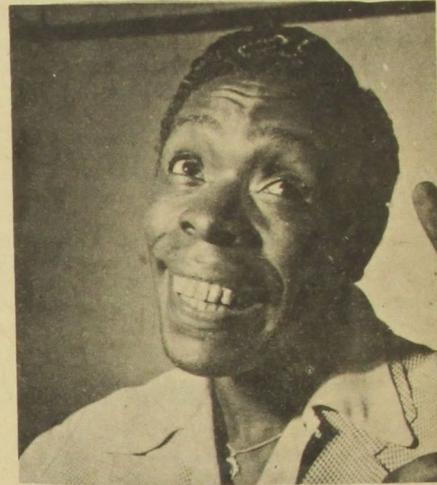
Meu amigo bêbado, que a recolheu da rua molhada, à meia-noite, criou para todos nós uma ternura — e um problema. Estamos num impasse: as forças secretas da vida preparam o mistério e o drama de Biribuva nos telhados do bairro.

Na verdade não preciso tocar mais no assunto. Nossa perplexidade dolorosa findou. Biribuva sumiu ontem à noite e até hoje (são quatro da tarde) não voltou. Talvez tenha compreendido tudo com sua fina sensibilidade. Ficamos todos na sala, tristes, em silêncio, até que eu, como dono da casa, me julgasse obrigado a proferir a eterna frase imbecil: "foi melhor assim" — que é um bom fim de história.

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE ANAHORY

GENTE DA CIDADE



Black-Out,
cantor

BLACK-OUT, vulgo Otávio Henrique de Oliveira, nasceu em Espírito Santo do Pinhal, Estado de S. Paulo, em 1919. Seu pai era um trabalhador rural e sua mãe foi Mãe Preta de vários rebentos da família Vergueiro.

Aos 5 anos o menino Otávio é levado para S. Paulo e matriculado no Colégio S. Vicente de Paula, de onde passa para o Grupo Escolar da Consolação, que tem de deixar aos 12 anos para ganhar a vida como estafeta da Western, entregando telegramas de bicicleta. Vai depois para uma oficina mecânica e trabalha na regulagem de freios, mas ali pelos 18 anos já é figurinha muito manjada em todo programa de calouros, até que a Rádio Difusora resolve lhe dar "cachets" de 30 mil réis. O Capitão Furtado, humorista caipira e compositor, é que lhe dá (era no tempo da guerra) o nome de Black-out.

Em 1942 o nosso vivíssimo herói parte em conquista da Capital da República e logo tem uma "chance": Oswaldo Viana, que trabalhava no Casino Atlântico, morre, e é preciso um cantor "colored" para seu lugar. Ninguém mais "colored" do que o paulista. No Atlântico e no Guarujá êle faz logo sucesso. Canta realmente muito bem, sabe se mover com agilidade, tem um sorriso alvíssimo de grandes dentes com direito a covinhas e se veste na última elegância. E tudo corre às mil maravilhas até que... tudo pára. É o momento mais triste de sua vida: o governo acaba com o jôgo, os casinos se fecham, Black-out mergulha na mais negra miséria. Adiantemos que, na sua opinião, o momento mais alegre de sua vida foi quando, no Carnaval de 50, vestido de "General da Banda", é recebido pelas multidões e carregado em triunfo para o Baile do Municipal. Depois de pegar vagos "cachets" aqui e ali, Black-out é levado por Floriano Faisal para a Rádio Nacional, onde está até hoje. Seus grandes sucessos: "Pedreiro Waldemar" (que o cronista ouviu dêle em primeiríssima audição numa daquelas mesinhas do fundo do Bonfim, no rabo da madrugada), "Quanta mulher dando sôpa", "Rei Zulu", "General da Banda", "Vôte, que mulher bonita", "Papai

Adão", "Dona Cegonha" (que o Grande Othelo o levou para cantar em um filme) "Maria Candelária" e a detestável, mas popularíssima "Piada de Salão" do último Carnaval. Como criminoso teve algum êxito com o "Samba Mambo", "Zing zing bum", que Xavier Cugat levou para os Estados Unidos, e "Crime de amor", que Black-out gravou com Linda Batista, aquele que começa dizendo: "Todo criminoso volta ao local do crime".

Para surpresa geral direi que Black-out é um bom pai de família, ou pelo menos êle diz que esta é a opinião de sua Rosa ("Minha fã número um é a minha senhora"), da mocinha Marly, de 13 anos e do menino Antônio Henrique, de 10. Bebe alguma coisa, sem exagero, anda sempre muito alinhado, torce para o Flamengo, mora em Copacabana, fuma Hollywood, vai à missa todo domingo e diz que seu santo é São Jorge, em vista do que lhe perguntamos se frequenta algum terreiro, ao que respondeu evasivamente: "deixa isso fora do ar".

R. B.



PROCURA-SE

D.N. - 6.10.48

Procura-se afritivamente pelas igrejas e botequins, e no recesso dos lares e nas gavetas dos escritórios, procura-se insistente e melancolicamente, procura-se comovida e desesperadamente, e de todos os modos e com muitos outros advérbios de modo, procura-se junto a amigos judeus e árabes, e senhoras suspeitas e insuspeitas, sem distinção de credo nem de plástica, procura-se junto às estátuas e na areia da praia, e na noite de chuva e na manhã encharcada de luz, procura-se com as mãos, os olhos e o coração um pobre caderninho azul que tem escrita na capa a palavra "endereços" e dentro está todo sujo, rabiscado e velho.

Pondera-se que tal caderninho não tem valor para nenhuma outra pessoa de boa fé, a não ser seu desagrado autor. Tem êste autor publicado vários livros e enchido, ou bem ou mal, centenas de quilômetros de colunas de jornal e revista, porém sua única obra sincera e sentida é êsse caderninho azul, escrito através de longos anos de aflições e esperanças, e negócios urgentes e amores contrariadíssimos, embora seja forçoso confessar que há ali números de telefone que foram escritos em momentos em que um pé do cidadão pisava uma nuvem e outro uma estrela e os outros dois... — sim, meus concidadãos, trata-se de um quadrúpede, eu sou um velho quadrúpede e de quatro joelhos no chão eu peço que me ajudeis a encontrar êsse objeto perdido.

Pois eis que não perdi um simples caderno, mas um velho sobrado de Florença e um pobre mocambo do Recife, um arcanjo de cabelos castanhos residente em Botafogo em 1943, um doce remorso paulista e o endereço do único homem honrado que sabe consertar palhinha de cadeira no Distrito Federal.

O caderno é reconhecível para os estranhos mediante o desenho feito na folha branca do fim, representando Vênus de Milo em birome azul, cujo desenho foi feito pelo abaixo assinado no próprio Museu do Louvre, e nesse momento a deusa estremeceu. Haverá talvez um número de telefone rabiscado no torso da deusa, assim como na letra K há trechos de um poema para sempre inacabado escrito com letra particularmente ruim.

Na segunda página da letra D há notas sobre vencimentos de humildes, porém nefandas dívidas bancárias e com uma letra que eu não digo começa o nome de meu bem, que é todo o mal de minha vida.

Procura-se um caderninho azul escrito a lápis e tinta e sangue, suor e lágrimas, com setenta por cento de endereços caducos e cancelados e telefones retirados e, portanto, absolutamente necessários e urgentes e irreconstituíveis. Procura-se, e talvez não se queira achar, um caderninho azul com um passado cinzento e confuso de um homem triste e vulgar... Procura-se, e talvez não se queira achar.

SOIRÉE

IBRAHIM SUED

Durante um jantar elegante, Dona Laura de Barros Moreira, Dona Maria Cecilia Fontes e a embaixatriz Carlos Martins Pereira de Sousa.



* **O DIPLOMATA** e senhora J. A. de Macedo Soares receberam a sociedade carioca para um elegante "cock-tail" em honra do Marquês de Bellas, que visita o país. O Marquês de Bellas é uma simpatia de 74 anos, pai do Conde de Pombeiro, avô da senhorita Cristina de Pombeiro e da elegante anfitriã, que, nessa reunião, proporcionou um encontro de figuras de escol da sociedade, em seu apartamento decorado com linhas clássicas e cores suaves. Foi um acontecimento. As senhoras Maria Helena Nobre e Maria Luísa Mello estão preparando a nova edição do livro "Nossa Sociedade", que será editado em dezembro, com os endereços também dos futuros deputados, senadores e governadores. O sr. e senhora Alvaro Soares Sampaio receberam em sua mansão da Rua Marquês de São Vicente para um jantar em homenagem ao casal Silvério Ceglia.

* **NOTÍCIAS:** Dia 26, estarão decididamente casados a senhorita Lourdes Madureira de Pinho e o senhor Guilherme Eugênio Vidal. Está no Rio a senhorita Negra Vejaneda. Da temporada no Velho Mundo, já estão novamente no Rio o sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira, sr. e sra. Carlos Eduardo Sousa Campos e as senhoras Vera Pritman e Joel Monteiro. Será no dia 25 de setembro a grande noite de elegância para escolha de "Miss Elegante Bangu", de 1954. Estou informado que uma famosa personagem mundial presidirá ao júri que escolherá a mais elegante Bangu. A "Boutique" infantil da senhora Maria Helena Raja Gabaglia está fazendo muito sucesso.

* **NO COUNTRY CLUB,** o sr. e senhora Roberto Singery ofereceram um elegante jantar para homena-



A senhora Ricardo Jaffet (modelo de Balmain) e a senhora Maria Helena Nobre (modelo de Desses), em uma noite de gala.

gear o casal Ari de Castro. Entre os que participaram desse acontecimento, estavam o sr. e senhora Jorge Prado, sr. e sra. Dirceu Fontoura, senhorita Teresinha Solbiati e o senhor Netinho Cunha Bueno, todos da sociedade paulista. Ouvi dizer que a futura residência do casal Ernesto Waller, em construção na Gávea, está ficando uma beleza. O sr. e senhora José Wilhemsen ofereceram um simpático jantar ao Barão Guy de Rotschild. Gravata preta, boa comida e champanhota. Para um animado e diver-



A senhora John Gardner William, née Maria Teresa Fontes, da sociedade carioca.

tido "cock-tail", o sr. e sra. Horácio Klabin receberam, em honra do senhor Bernardo Segall.

* **AS SENHORAS** Jadyr Barbosa Tibiriçá, Heitor Beltrão, João Carlos Vital, José Ferreira de Sousa, Alan Fisher, Jorge Bandeira e outras estão organizando uma festa em benefício do Hospital Pestalozzi.

* **O QUE SE COMENTA:** o charme da senhora Dirce Machado Vieira. A elegância do senhor Carlos Noviz (já me indicaram seu nome para a lista do ano). A elegância das senhoritas Nininha Nabuco e Vera Hime. O novo guarda-roupa do senhor Nelson Batista. O bonito colar de brilhantes que a senhora Josefina Jordan trouxe da Europa. A animação que o senhor Gurgel Dantas tem para dançar durante as recepções e os telefonemas que um determinado senhor tem feito para Belo Horizonte...

* **DOIS JANTARES** movimentaram um grupo carioca: na residência, da rua Senador Vergueiro, do sr. e senhora Frank Hime. Será em outubro o casamento da senhorita Monique Barrene com o senhor Carlos Eduardo Lima Rocha. Na corrida noturna, notou-se a presença do senhor Francisco Figueira de Melo com um chapéu "gelot". Fala-se que o senhor Fernandinho Melo Viana telefona diariamente para a senhorita S. G. Hoje é só. Positivamente só.